

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS - SESA
FACULDADE AMADEUS - FAMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

LAYANA DANTAS DE SOUZA

AUTONOMIA MORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**Aracaju – SE
2014**

LAYANA DANTAS DE SOUZA

AUTONOMIA MORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Artigo científico apresentado à Faculdade Amadeus como trabalho de conclusão de curso e requisito básico para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia

Orientador: Prof. Msc. Priscila Randow

**Aracaju – SE
2014**

LAYANA DANTAS DE SOUZA

AUTONOMIA MORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Artigo científico apresentado à Faculdade Amadeus como trabalho de conclusão de curso e requisito básico para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Priscila Christina Borges Dias Randow

Carla Daniela Kohn

Aprovado (a) com média: _____

Aracaju (SE), _____ de _____ de _____

AUTONOMIA MORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

* Layana Dantas de Souza¹

RESUMO

Este artigo promoveu uma reflexão sobre a autonomia moral na construção de valores e no desenvolvimento da aprendizagem na educação infantil, tendo como base os seguintes questionamentos: Por que os valores morais devem ser ensinados na Educação Infantil? Por que a escola precisa preocupar-se com a moral? Como ocorre a construção da autonomia moral dentro da escola? Para responder estes questionamentos, foi utilizada uma entrevista semi estruturada, aplicada a oito professores do Centro Educacional Paulo Freire, localizada no bairro Eduardo Gomes, município de São Cristóvão, Sergipe. A partir das entrevistas se verificou que é preciso formar crianças autônomas para que saibam se defender e fazer escolhas certas fora do ambiente escolar; que é importante a parceria entre escola e família para a formação do caráter da criança e do seu desenvolvimento. Infelizmente para algumas professoras, as experiências compartilhadas na maioria das vezes não são uma coisa boa. A educação acontece em diversos lugares, tanto na família como na escola, onde seu caráter é construído da maneira posta pela sociedade, como afirma Piaget. O método mais efetivo para a educação moral é o ativo, no qual a criança compartilha das experiências morais através do ambiente escolar, com o professor orientando para o mais adequado. Esse estudo revelou que a educação moral na educação infantil através de experiências compartilhadas é de grande importância para a formação moral de uma criança e um desenvolvimento autônomo, formando cidadãos prontos para diferenciar o certo do errado e fazer a escolhas na sociedade que atua.

Palavras-chave: Autonomia Moral; Valores Morais; Educação Infantil.

ABSTRACT

This TCC aims to show that is in childhood kids begins to built their moral autonomy , being this a theme of a great importance, because , teaching moral values early in the first grades will help to built the human being that follow the values put in society . The education happens in many places , as in families as in schools, where their character is built in a way put by society , as states many thinkers and philosophers as Piaget . The most efective method to the moral education is the active , in which the child shares morals experiences, through school enviroment , and that many times the teachers leave the oportunity to teach close correctly.This TCC was made

* Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Amadeus/SE. E-mail: layana_fofa@hotmail.com

with a qualitative approach and had as the objective the research of exploratory nature. This study revealed that the moral education in childhood education through the experiences shared is greatly important to moral formation of a child, because, it's when the kid begins to shape his character according to his personality and in the environment in which is included.

Key-words: Moral autonomy; Moral values; Childhood education.

1 INTRODUÇÃO

A construção dos valores é resultante de processos de interação entre os indivíduos e o mundo em que vivem. A maioria das crianças atualmente quer ser independente em suas atividades diárias, como escolher a roupa que irá vestir, se quer ou não comer, entre outros vários casos. Essa autonomia é um reflexo da transmissão de valores e tem preocupado muito os professores e pais.

A partir desse contexto, surgem alguns questionamentos, como: Porque os valores morais devem ser ensinados na Educação Infantil? Será que a troca de experiências compartilhadas na sala de aula tem importância? Como ocorre a construção da autonomia moral dentro da escola? Por que a escola precisa preocupar-se com a moral? Será que os valores morais devem vir de casa?

Partindo de ideias já publicadas por autores como Piaget (1954), Araújo *et. al.* (2007), La Taille (2006), Puig (1998), entendemos que “os valores e contra valores vão se organizando em um sistema de valores e incorporando à identidade das pessoas, às representações que elas fazem de si”. (ARAÚJO; ARANTES, 2007, p.23).

Todos os sujeitos erguem certos valores, princípios ou normas que conduzem os seus comportamentos. A autonomia é um assunto muito importante, pois, a criança deve aprender a se desenvolver cognitivamente e moralmente. Piaget (1970) confirma isso, ao dizer que o principal objetivo do adulto é ajudar a criança a se desenvolver intelectualmente e moralmente. Se procurarmos no dicionário a palavra autonomia, diz que é um indivíduo que toma suas próprias decisões sem interferências exteriores (DICIONÁRIO INFORMAL, 2009). Mas na filosofia ligada a moral e a política, a autonomia é usada como base para determinar

a responsabilidade moral da ação de alguém. Percebe-se que a autonomia moral deve ser construída no indivíduo desde pequeno, como afirma Vinha (2003, p. 114):

Sabemos que não é fácil para o educador construir um ambiente cooperativo em sua sala de aula. Inúmeros fatores dificultam a realização desse trabalho pelo professor, como por exemplo, o desconhecimento de como o ser humano aprende, como a criança desenvolve-se em todos os aspectos e de como ele pode auxiliar esse processo. Sem esse conhecimento fundamental, o educador não consegue atuar de maneira a favorecer o desenvolvimento.

Para Vinha (2003), a educação terá sentido sempre que estiver comprometida com valores morais. Sabemos que o conhecimento cognitivo é de grande importância, mas é preciso que as escolas se preocupem também com os feitos de atitudes sociais e humanas, que os alunos sejam tratados como um alguém absoluto.

Segundo Rios (2003), os saberes importantes para o convívio e a inclusão de maneira agradável na sociedade se dão através de saberes obtidos na escola. A autora ainda afirma que: “[...] A instituição escolar tem com função específica a influência do ensinar e, à medida que se destina a ensinar, a convencer os sujeitos, transmitindo-lhes os saberes necessários para direcionar sua inserção na sociedade” (p. 40).

Os valores se dão pela maneira de ser e agir na qual a sociedade acredita ser aceitável, não é possível a existência de um grupo sem que os valores sejam estipulados e mantidos. A expressão escrita e oral, os símbolos, os objetos, são meios de que os indivíduos e os grupos dispõem para aderir aos valores (INFOPÉDIA, 2003-2010b).

Dentro desta problemática, o artigo teve como objetivo principal promover uma reflexão sobre a autonomia moral na construção de valores e no desenvolvimento da aprendizagem na educação infantil. Além disso, teve os seguintes objetivos específicos: compreender as bases conceituais da autonomia moral; conhecer o papel da escola e da família na construção do ensino dos valores morais; e visar a importância do ensino dos valores morais na educação infantil.

Isso se mostra importante, visto que a educação é um processo de conhecimento significativo que é gerada pelas construções seguidas dos saberes. Os conhecimentos que são formados no ambiente escolar envolvem os aspectos cognitivos, onde o foco está no desenvolvimento do pensamento, trabalhando com a

mente, aspectos sociais, que sempre envolvem interações entre os indivíduos através do desenvolvimento motor e emocional. Isso nos mostra como é grande a importância da construção de sabedorias afetivas e morais, onde requer a autonomia e o raciocínio moral de cada indivíduo.

A autonomia é o alvo do desenvolvimento moral, mas, a pessoa só alcança a autonomia moral se vivenciar a heteronômia. Piaget (1994) diz que a heteronômia é predominante no desenvolvimento. A heteronômia é presente com intensidade nas relações, porém, a intenção do desenvolvimento moral é fazer com que a autonomia seja defendida.

Na heteronômia, o sentimento é atribuído pela autoridade externa ao aluno, na autonomia é ao contrário, o sentimento é interior.

Para a construção do artigo, foi usado o tipo de abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva. O procedimento técnico utilizado para a coleta de dados foi à entrevista semi estruturada.

Justifica-se esta pesquisa pela importância que os valores morais têm para a sociedade, e que desde criança esses valores devem ser ensinados para a construção de um futuro melhor, mostrando os eixos em que os valores morais são ensinados.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Bases conceituais da autonomia moral

A autonomia moral está totalmente ligada aos valores morais, e muitos professores estão bastante preocupados apenas com o cognitivo e se esquecem de que os valores morais também devem ser ensinados aos alunos. Muitos professores nem fazem ideia de como ensinar valores morais aos seus alunos, achando que esses valores devem ser construídos em casa, e como consequência a violência e a discriminação dentro do âmbito escolar vem crescendo cada dia mais.

Mas o que vem a ser “valores morais”? O dicionário Aurélio (2010, p. 516) define moral como “um conjunto de regras de conduta consideradas válidas, éticas, para grupos ou pessoa determinada”, ou seja, regras postas e aceitas pela sociedade. Os valores são qualidades que ocupam o núcleo da personalidade do ser

humano. Segundo Buxarrais (1997, p. 82) "os valores são determinantes do comportamento do ser humano, tanto de sua conduta pública quanto de sua conduta particular".

A moral tem como objetivo trabalhar com o comportamento regido por valores morais, que partem do nosso interior, se transformando em uma autonomia imposta pela consciência humana. Para Theobaldo (1995), o sistema moral nada mais é que o conjunto de regras elaboradas por uma sociedade para nortear sua manutenção e abrangência através dos costumes, tradições, instituições e vivências cotidianas.

O sistema moral veio para conduzir a vida do homem, a moral se submete sempre a um valor. A moral começou a existir desde quando o homem passou a viver em grupos na sociedade primitiva, quando eles trabalhavam em grupo, tinham obrigações em comum, se tratavam iguais por iguais ou desiguais por desiguais, o que não difere muito dos tempos atuais.

No âmbito da filosofia, define-se moral como "conjunto de princípios, crenças, regras que orientam o comportamento dos indivíduos nas diversas sociedades e a ética como a reflexão crítica sobre a moral." (BRASIL, 1998). Filósofos sempre usaram moral como alvo de curiosidade e investigação e sempre buscaram descobrir a sua origem. Nos filmes "A marcha dos pinguins" e "A origem da Moral", dizem que: "a origem da moral não surge de forma natural, como nos animais, sugerida por muitos pensadores, mas dá a capacidade do ser humano se colocar no lugar do semelhante e fazer com que as experiências do outro enriqueçam a sua". Para Piaget (1996), a moral não é herdade como a simpatia, a genética, os medos. Para que a moral se forme é fundamental que o ser humano tenha uma relação uns com os outros.

Kohlberg (1981) considerava três níveis de desenvolvimento moral (Quadro 1).

QUADRO 1 – Níveis de desenvolvimento moral

<u>O QUE É JUSTO</u>	<u>PORQUÊ</u>	<u>PONTO DE VISTA SOCIAL</u>
NÍVEL PRÉ-CONVENCIONAL		
Estágio 1		

<p>Obedecer, evitar a punição (os danos físicos e materiais).</p> <p>Estágio 2</p> <p>Obedecer as regras que servem o interesse próprio. Nas partilhas é justo o que é igual.</p>	<p>Superioridade dos pais, do adulto ou daqueles que castigam.</p> <p>Porque cada um segue o seu próprio interesse.</p>	<p>Egocentrismo. O ponto de vista do outro não é considerado.</p> <p>Embora os pontos de vista possam ser diferentes, o ponto de vista próprio continua a ter primazia.</p>
---	---	---

NÍVEL CONVENCIONAL

<p>Estágio 3</p> <p>Fazer o que os outros (em particular os mais próximos) esperam. Ser bom, mostrar interesse pelos outros, respeitar, confiar neles, ser leal.</p>	<p>Porque é necessário colocar-se no lugar do outro. É necessário manter o comportamento socialmente aprovável.</p>	<p>O Indivíduo tenta colocar-se no lugar dos outros, mas sem considerar um sistema de perspectivas geral, tomada de consciência das intenções dos outros, dos acordos e dos desacordos.</p>
<p>Estágio 4</p> <p>Cumprir os seus deveres e seguir as leis, mesmo quando estas entram em conflito com as regras sociais.</p>	<p>Porque é necessário manter as instituições e evitar os desequilíbrios que adviriam se toda a gente fizesse assim.</p>	<p>Os indivíduos são considerados em função da posição que ocupam na sociedade.</p> <p>Não há conflito lei-moral</p>

NÍVEL PÓS-CONVENCIONAL

<p>Estágio 5</p> <p>Distinção entre valores individuais e direitos elementares, tais como a vida e a liberdade.</p>	<p>Porque temos deveres decorrentes de um contrato social que visa a realização do bem para o maior número.</p>	<p>Visão igualitária (igualdade de oportunidades). Lei e moral podem entrar em conflito.</p>
<p>Estágio 6</p> <p>A igualdade e o respeito pela dignidade da vida humana são os princípios morais universais. Suscitam uma adesão livre.</p>	<p>Porque os princípios morais são universais e há que se comprometer na sua defesa.</p>	<p>Os indivíduos são fins em si e devem ser considerados como tais.</p>

Fonte: Moessinger (1989) *apud* Branco (2014, p.5).

Segundo Kohlberg (1981), os conflitos nos valores podem ser solucionados, é apenas uma etapa daquilo que se deseja atingir, assim a moral é

obtida nos dois últimos estágios, absorvidos com várias ideias, fruto da interação com o meio social.

Para Buxarrais (1997), em uma sociedade democrática como a nossa, ao ensinarmos os valores morais encontramos reflexão individual e coletiva, através disso, a criança consegue elaborar de maneira autônoma os seus valores, e com eles enfrentar a sociedade. O autor complementa dizendo: “educar em valores consiste em criar as condições necessárias para que cada estudante descubra e faça sua livre escolha entre aqueles modelos que o conduzam à felicidade” (BUXARRAIS, 1997, p. 79).

2.2 O papel da escola e da família na construção dos valores morais

A moral está presente em todos os momentos na escola. Qual é o papel do adulto na construção da moral? O que fazer para contribuir na formação de crianças autônomas? Como já vimos, os valores morais são normas postas pela sociedade, ensinar as crianças a aprenderem essas normas fará com que elas sejam aceitas na sociedade.

A família é o primeiro grupo social de que a criança faz parte, é a família que vai ajudar no processo de absorção das regras sociais, padrões de comportamento, noções de direitos e deveres, crenças, linguagem e outras características que serão úteis para poder viver no meio social.

Para isso, a família deve ser um exemplo para que as crianças cresçam vendo o correto. Para a família ensinar os valores de forma correta, não é preciso brigas e castigos, pois, eles irão associar esses valores a sentimentos negativos. Os pais devem ensinar de uma maneira que eles associem os valores a coisas positivas, mostrando através de um bom diálogo e até através de alguns jogos em família. O jogo será só um meio para transmitir os valores que queremos ensinar, só que de uma forma mais divertida, tanto para as crianças quanto para os pais. É importante lembrar que as crianças se veem em seus pais, então elas irão se comportar da mesma forma que estão habituadas a ver seus pais em seu dia a dia.

Quando a criança entra na escola todos esses padrões e regras que aprenderam serão moldados, pois possibilita a convivência com outros alunos, troca de experiências, o que é fundamental na formação da moral. De acordo com Puig

(1998, p. 243) “a escola é um espaço social onde se simula a vida e se ensina a vivê-la”. A educação moral pode acontecer em três campos da instituição escolar (PUIG, 1998):

- O interpessoal, que é o que move o procedimento de educação moral, pois é quando vai haver a troca de conhecimento e o vínculo entre o professor e o aluno;

- O curricular, que é onde acontece a construção de opiniões através de diálogos sobre temas morais colocados para discussão pelo professor, podendo estar vinculado com algum conteúdo científico;

- O institucional, que é o espaço escolar, um meio em que os valores morais estão sempre presentes, onde todas as crianças tem o direito de se expressar e ter sua opinião, e através disso a instituição vai assinalar os fatores que favorecem, ou prejudicam uma boa conduta.

Infelizmente, os professores não têm uma formação especializada, de maneira que os levem a ensinar sobre os valores morais da forma que aprenderam durante a sua vida. Meire Fiorot (2006) disse: “o saber-ensinar possui fontes pré-profissionais, pois, ao longo de sua história de vida pessoal e escolar, o professor desenvolve competências, constrói crenças e interioriza valores que passam a permear suas relações com os outros” (p. 49).

A Educação Infantil intenciona valorizar na criança o desenvolvimento de uma autonomia individual. De acordo com Theobaldo (1995), há alguns anos atrás, preocupados com a educação moral dos alunos, eles começaram a fornecer nas escolas uma matéria de Educação Moral e Cívica, com o objetivo de mostrar aos alunos quais são seus direitos e deveres, os costumes e as tradições. Só que a disciplina começou a ser mal aplicada e se afastar do que realmente deveria ser ensinado, o que fez com que a disciplina se tornasse antiquada.

Os pais e os professores são visualizados como pessoas de autoridade e de confiança na vida da criança, o que favorece o processo de educação dos valores. Segundo La Taille (2006, p.111) “para depositarmos confiança em alguém, além de fazermos hipóteses a respeito da qualidade de suas ações, também fazemos hipóteses sobre suas qualidades enquanto pessoa moral”. Dessa maneira a criança irá depositar a sua confiança em quem ela convive desde os primeiros dias de sua vida, mediando esse processo na construção dos valores.

A família é o primeiro grupo social em que a criança faz parte, logo depois vem a escola. A escola não se reduz somente ao ambiente da sala de aula, os valores morais estão presentes no recreio, no refeitório, em uma brincadeira, em uma conversa com os funcionários. A educação moral deve ser trabalhada não só na sala de aula, mas também com a comunidade através de projetos, de acordo com as necessidades desta comunidade.

Os PCN's (BRASIL, 1998) propõem debates sobre a forma como a escola deve trabalhar seus valores.

Cabe à escola empenhar-se na formação moral de seus alunos. Por isso, apresenta-se uma proposta diametralmente diferente das antigas aulas de Moral e Cívica e explica-se o porquê [...]. Mesmo com limitações, a escola participa da formação moral de seus alunos. Valores e regras são transmitidos pelos professores, pelos livros didáticos, pela organização institucional, pelas formas de avaliação, pelos comportamentos dos próprios alunos, e assim por diante. Então, ao invés de deixá-las ocultas, é melhor que tais questões recebam tratamento explícito. Isso significa que essas questões devem ser objeto de reflexão da escola como um todo, ao invés de cada professor tomar isoladamente suas decisões. Daí a proposta de que se inclua o tema Ética nas preocupações oficiais da educação. (BRASIL, 1998, p. 51)

Para Araújo (1993), a educação moral precisaria ser ensinada desde a pré-escola por meios de dinâmicas, atividades em conjunto onde eles sejam levados a pensar a forma correta de se comportar de uma forma autônoma. Stengel (1982) garante que a maneira como deve incidir a educação moral para as crianças, e os valores a serem ensinados provoca polêmica entre os professores e os pais.

A família e a escola deveriam ensinar os valores morais aos alunos numa parceria, pois, são os dois meios em que as crianças mais passam o seu tempo e é no convívio social que elas formam a sua consciência moral. Os valores morais deveriam ser ensinados desde que a criança começa a ter consciência do sim e do não pelos pais, ensinando assim de uma maneira diária e simples a conduta correta a seguir com pequenos exemplos como o “porque emprestar o brinquedo ao irmão”, entre outras atitudes de convívio social existente dentro do lar, porém muitos pais por “falta de tempo” acabam se omitindo do seu papel e transmitem todo o papel para a escola.

2.3 A autonomia moral na Educação Infantil

De acordo com as ideias de Kohlber (1981) e Piaget (1930) *apud* Macedo (1996) sobre autonomia moral na educação infantil, esta deve se basear no uso lógico e no uso de diálogos para construir os princípios morais exigidos pela sociedade. O objetivo é formar crianças autônomas (PIAGET, 1996; PUIG 1998), que acontece tanto de dentro para fora, como de fora para dentro. De fora para dentro a partir do momento em que começa a entrar em contato com os valores do meio sociocultural, e de dentro para fora quando a criança começa a expor as suas vontades, a criticar, a participar de uma maneira autônoma (PIAGET, 1996; KOHLBERG, 1992). Essa aprendizagem acontece em vários espaços do ser humano, possibilitando desenvolver não só a autonomia, mais também o cuidado uns com os outros, mostrando que esse desenvolvimento autônomo pode acontecer em diversos ambientes.

Para que haja um desenvolvimento autônomo, o professor precisa deixar que o aluno participe, exponha o seu saber, para que desta forma o professor o ajude a construir um novo saber. Se a criança se deparar com um lugar em que o autoritarismo do professor prevaleça, onde os alunos vejam o professor como o dono do saber, não haverá uma transmissão de conhecimento, e o aluno jamais poderá construir seu próprio valor de forma autônoma.

Deve existir um respeito entre professor e aluno, o professor deve auxiliar o aluno respeitando-o como formador dos seus saberes, ajudando a construir um aluno autônomo.

Segundo o Dicionário Infopédia, autonomia é a capacidade que um indivíduo tem para determinar as suas próprias regras de conduta. Estas são resultantes da interiorização de valores e condutas sociais. Para Jean Piaget, os comportamentos numa criança em face de outro e da sociedade evoluem de uma moral autônoma e já com raciocínio do que é bom e do que é mal, certo e errado (INFOPÉDIA, 2003-2010a).

Então, se um aluno vive em um ambiente onde o autoritarismo prevalece à criança, jamais poderá determinar de forma autônoma os seus próprios valores e regras de conduta a seguir. Quando existe um respeito entre professor e aluno, onde um respeita ao outro e interagem, o indivíduo terá uma forma mais clara de ver os verdadeiros valores a serem seguidos de forma autônoma.

Para Kamii (1991, p. 30) “somente numa relação em que o poder do adulto é reduzido ao mínimo é que a criança pode desenvolver sua autonomia”. Em relação à autonomia moral, Kamii (1991) diz que a autonomia se alarga através das relações de cooperação. Conforme a autora, a cooperação é realizada de forma natural, que vem do anseio e da necessidade de contribuir, sem esquecer os seus próprios objetivos e desejos.

A autonomia se dá a partir do momento em que o indivíduo consegue por si só construir sentimentos e seguir regras sem depender de uma orientação de alguém. Estão ligadas à autonomia moral as relações que existem entre os indivíduos que envolvem respeito e cooperação. A moral autônoma é uma superação da moral heterônoma, sendo uma consequência dela.

Para Devries e Zan (1998) a autonomia está atrelada à competência do indivíduo de se autorregular, moralmente e cognitivamente. Segundo Piaget (1994) só a cooperação dirige a autonomia moral do indivíduo, levando o indivíduo a não só obedecer as regras, mas também a apreciá-las. Para Vinha (1998) *apud* Pereira (2006), “as atitudes, a forma de ensinar, a maneira de agir dentro da sala de aula refletem a concepção de autonomia do educador e são determinantes no processo de construção da autonomia moral dos educadores” (p.6).

No que se concerne ao fim da educação moral, podemos, pois, por uma legítima abstração, considerar que é o de construir personalidades autônomas aptas à cooperação; se desejarmos ao contrário, fazer da criança um ser submisso durante toda a sua existência à coação exterior, qualquer que seja ela, será suficiente todo o contrário do que dissemos. (Piaget 1930 *apud* MACEDO, 1996, p. 9)

O objetivo da educação moral, portanto, é o de auxiliar as crianças à construírem sua autonomia.

2.4 A importância do ensino dos valores morais na Educação Infantil

O ensino dos valores morais é uma vertente educacional no qual precisamos estar sempre atentos, pois, estamos trabalhando com a formação mais ética de futuros cidadãos. A educação infantil exerce um papel fundamental no desenvolvimento das crianças desde o nascimento. A questão moral aparece em

todo o momento sempre que alguém se manifesta a favor ou contra qualquer comportamento, situação, pessoa ou objeto.

Kramer (2000) diz que a pré-escola é o lugar que desenvolve a criança, visto que valoriza e amplia o conhecimento da criança, possibilitando a constituição da criatividade, da autonomia, do envolvimento com o outro, da troca de experiências, entre outras coisas.

Para Koller (*apud* LORDELO, 2002), a creche proporciona diferentes experiências e oportunidades entre professor e aluno, como no contato com o ambiente e os recursos pedagógicos.

Devemos mostrar aos alunos os verdadeiros valores a ser seguidos. La Taille (2009, p. 17) diz que “a própria definição do que é um valor pode ajudar-nos a compreender melhor: um valor pode ser definido como um investimento afetivo que nos move ou nos faz agir”.

Para García e Puig (2010), nos encontramos em um mundo onde as incertezas, dúvidas e questionamentos são bastante frequentes, por isso, os valores morais devem ser levados às pessoas. Os valores sendo ensinados desde crianças irão dar uma ajuda aos alunos a saberem trilhar o seu caminho com as atitudes e escolhas corretas, ajudando-os a criar a sua própria autonomia moral.

O estágio inicial do desenvolvimento infantil é assinalado por Piaget (1994) como um período egocêntrico. A partir desse período inicial, La Taille (2005) afirma que a criança possui um universo moral elementar que deve ser prestado bastante atenção para que ocorra o desenvolvimento moral, pois, a partir dos quatro e cinco anos de idade que a criança começa a perceber que existem coisas que podem ser feitas e outras não.

Ao entrar no universo moral, a criança começa a ter uma consciência heteronômica. Para Piaget (1994), a criança heteronômica constitui com o adulto uma relação em que a palavra do adulto é uma verdade absoluta. A heteronômica da criança é instigada pelas recompensas e corretivos dados pelo adulto. Kammi, (1991) diz: “essas sanções que mantêm as crianças obedientes e heterônomas” (p.108). Para a autora, mesmo que a recompensa acabe sendo maior que os corretivos, isso irá contribuir e a vigorar a heteronômica na criança. Nenhuma criança pode formular sozinha a concepção do que é certo e errado, é necessário nessa

primeira fase de heteronômia, de obediência que o espírito de cooperação possa ser construído através do respeito mútuo.

A heteronômia começa a surgir a partir do momento em que o aluno começa a entender e respeitar as regras que são impostas pelos adultos, baseado em dois sentimentos: a aversão e o afeto. As crianças heterônomas seguem as regras ao pé da letra, se agarrando as consequências de atos que possam cometer, acreditando que a criança só é boa quando faz o que os adultos pedem. E a partir daí começam a acreditar que tudo que os mais velhos dizem é lei que deve sempre ser seguida, respeitando pelo amor que tem e pelo medo de que algo aconteça se desobedecerem. O medo algumas vezes é provocado pelo adulto, para fazer com que sua autoridade apareça e seja respeitada.

Piaget (1994) caracteriza a moral heterônoma fundamentada na autoridade externa vinda do adulto, o comportamento da criança é associado a obediência.

É na heteronomia que os professores devem adentrar normas sociais às crianças, já que é a fase em que ela obedece e constrói seu conhecimento através dessas normas postas pelo professor, levando-as a agir sempre de acordo com elas. Os professores devem ensinar os alunos a refletirem sobre seus comportamentos, e a partir disso, as crianças entenderão que as regras podem ser negociáveis. Ao mostrar a finalidade e importância de cada regra, o professor deve ter muito cuidado e atenção e passar essas regras com sentimentos e cuidado com cada criança e não apenas para parecer autoritário.

O uso excessivo da autoridade de um professor pode transformar o aluno em um ser dependente sem a capacidade de criar ou formar algo sozinho ou um indivíduo revoltado, acabando com o desenvolvimento da autonomia moral.

Macedo (2005) disse:

Muitas repreensões, advertências ou punições podem funcionar, pelo menos em curto prazo, mas pouco a pouco estragam aquilo que é a base de toda a disciplina: a entrega de alguém a alguma coisa ou, mais do que isso, a uma outra pessoa (ou ideia) que lhe serve de referência e sentido (p. 146).

A partir disso a autoridade deve ser prudente, seguida sempre de um bom diálogo, levando a criança a pensar sempre sobre suas ações.

Puig (1998) acredita que algumas habilidades são fundamentais para a construção dos valores morais como: ser capaz de detectar e reclamar das injustiças, comportar-se de acordo com os princípios já escolhidos e entender os valores postos pela sociedade. Segundo Puig (1998), a educação moral pode acontecer em vários ambientes. Buxarrais (1997) e Martin (1998) ampliam a proposta de Puig (1998), afirmando que a educação moral deve ser envolvida em toda a escola e ultrapassar os muros da escola.

Com relação aos procedimentos de educação moral, Piaget (1930 *apud* MACEDO, 1996) diz haver duas possibilidades: os procedimentos verbais e os métodos ativos. Para Piaget, os procedimentos verbais ou as “lições de moral” são de pouca valia para a educação moral, onde são impostos pelos educadores e os alunos aceitam por medo de ser punidos ou perda do afeto sem nem saber o porquê da situação exposta.

Piaget continua dizendo que as “lições de moral” podem ser válidas quando se formam como resposta a uma questão precedente levando-as a refletir. Podemos ver através disso que a moral não pode ser imposta e sim construída. Piaget diz:

Queremos apenas, ressaltar, no momento, que mantidas as justas proporções, a “lição de moral” não deve ser proscrita. Porém ela não se desenvolverá produtivamente ao não ser por ocasião de uma vida social autêntica e no interior da própria classe. (PIAGET, 1930 *apud* MACEDO, 1996, p. 20).

Para Piaget, o método mais efetivo para a educação moral é o ativo, que é aquele em que a criança compartilha das experiências morais, através do ambiente escolar. Ele afirma que as crianças devem estar sempre em contato com outras crianças para que possam vivenciar várias situações e provar da cooperação, da democracia, do respeito mútuo e a partir daí construir a sua moralidade.

A escola, tanto contribui para o desenvolvimento do aluno como também se tornar um lugar de exclusão social. O professor atento pode evitar essa exclusão social acabando com os rótulos comportamentais e aceitar as diferenças individuais e saber trabalhar com todos.

O fato de os alunos serem crianças não significa que sejam passivos e recebam sem resistência ou contestação tudo o que implícita ou explicitamente se lhes quer transmitir. Isso significa valorizar positivamente a capacidade de questionar e propor mudanças, buscando construir situações didáticas que potencializem tal

capacidade e possibilitem o aprendizado de modo a utilizá-lo de forma consequente, responsável e eficaz. Como exemplos têm-se experiências educativas de construção coletiva de regras de convívio escolar, de discussão coletiva de situações-problema na classe e na escola, de projetos de intervenção no espaço escola. Mesmo nas séries iniciais é possível oferecer informações, vivências e reflexão sobre as causas e as nuances dos valores que orientam os comportamentos e tratá-los como produtos de relações sociais, que podem ser transformados (BRASIL, 1998, p. 36).

A constituição dos valores aluno se faz, pelo seu exercício: aprende-se a participar, participando. E a escola é o melhor lugar possível para essa aprendizagem aconteça graças à convivência democrática no seu cotidiano. É aqui que percebemos a seriedade do convívio escolar.

Em Piaget (1930, *apud* MACEDO, 1996), vimos que o objetivo da educação moral deve ser de formar crianças autônomas, no sentido de saberem elaborar e seguir as normas, regras e princípios de condutas catalogadas em suas relações com os outros. Se educar moralmente é educar para autonomia, então o método deve ser ativo onde o sujeito participa da sua própria construção de valores com a ajuda do educador.

Ana Lucia Lima (2009) diz:

Numa visão piagetiana, a formação moral de alunos e/ou professores passa, obrigatoriamente, pelo exercício da construção de valores, regras ou normas pelos próprios alunos e/ou professores entre si e nas situações em que sejam possíveis relações de trocas intensas; troca de necessidade, aspiração, pontos de vistas diversos, enfim: quanto maiores e mais diversas forem as possibilidades de trocas entre as pessoas, mais amplo poderá ser o exercício da reciprocidade de pensar no que pode ser válido, para mim e para qualquer outro (LIMA, 2009, p. 8 *no prelo*).

Portanto, fica bastante claro a importância de uma educação de valores morais e autônomos na educação infantil, no que se refere à construção da autonomia moral na criança pequena. Os procedimentos pedagógicos são importantes, porém não são fundamentais, nesse contexto é o educador quem assume o papel de ajudar no desenvolvimento de uma consciência moral e autônoma. Dias e Vasconcellos (1999, p. 10) diz: “entender a autonomia como um dos mais importantes objetivos educacionais da educação infantil é também perceber que este é um objetivo a ser construído coletivamente por professores, familiares e crianças”.

3 METODOLOGIA

Para a construção do artigo, foi utilizado o tipo de abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva. O procedimento técnico utilizado para a coleta de dados foi a entrevista semi estruturada. Para Boni e Quaresma (2005), a entrevista semi estruturada segue um conjunto de questões previamente definidas, mas mantêm-se uma maior liberdade e proximidade entre o entrevistador e o entrevistado, favorecendo as respostas espontâneas. Essa técnica também colabora na investigação dos aspectos afetivos e valorativos dos informantes que produzem significados pessoais de suas atitudes e comportamentos.

A entrevista semi estruturada foi aplicada a 8 professores da escola Centro Educacional Paulo Freire, situada no Bairro Eduardo Gomes, rua 9 n°106, no município de São Cristovão. A seleção dos professores foi intencional, em função da natureza dos objetivos da pesquisa e da disponibilidade de tempo.

A entrevista teve com objetivo discutir como ocorre a construção da autonomia moral na formação de valores e no desenvolvimento da aprendizagem na educação infantil para essa realidade escolar. Para isso se fez os seguintes questionamentos:

- 1) Para você o que é autonomia moral?
- 2) Na escola que você trabalha é estimulada a construção da autonomia moral? Se sim, como ocorre?
- 3) Você acha que existe uma idade adequada para se ensinar os valores morais?
- 4) Você trabalha os ensinamentos morais com os seus alunos? Se sim, como é trabalhado?
- 5) Como você acha que a escola pode direcionar os alunos na sociedade?
- 6) A família é o primeiro grupo social em que as crianças têm contato, qual é a importância do papel da família para a escola?
- 7) Porque precisamos formar crianças autônomas?

8) Na educação Infantil as crianças estão sempre em contato com outras crianças compartilhando as suas experiências. Como isso as ajuda a construir seus valores?

A análise dos dados foi feita a partir da transcrição das respostas dos professores, comparando as respostas dadas e discutindo criticamente o que foi colocado, tendo para isso, um aporte teórico dos autores que já discutem sobre o tema Autonomia Moral. Desta forma, a pesquisa foi delineada de acordo com os objetivos propostos para a temática.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 A autonomia moral

Somos contidos a uma educação que faz dos alunos seres passivos diante dos conhecimentos, como se por serem crianças não se tem opinião e devem estar submissos a tudo que o adulto impõe a ela, e para que saibam sozinhas fazer suas próprias escolhas, foi feita a seguinte pergunta as professoras:

Para você o que é autonomia moral?

Pode-se notar que duas professoras não souberam responder a esse questionamento, outras duas professoras não sabiam o que era autonomia moral por meio de teóricos, mas sabiam do princípio básico da autonomia moral. Para a metade das professoras (4), a autonomia moral era entendida e conhecida por teóricos. A autonomia moral é saber fazer as suas próprias escolhas, é por si só tomar decisões onde um professor vai ajudar o aluno a desenvolver ou aprimorar o seu caráter. Sobre a autonomia moral segue abaixo o relato de três das professoras entrevistadas:

“É o aluno construir obter seus próprios valores que vai ajudar em seu desenvolvimento pessoas e individual para agir na sociedade”.

“É através da construção de uma consciência saber escolher o que é certo para você mesmo”.

“Ter sua própria autonomia, saber dominar seus valores e impulsos, tendo suas próprias regras”.

A autonomia acontece quando o indivíduo consegue sozinho erguer sentimentos e adotar regras sem depender de uma orientação de outro. Para Piaget (1998, p. 118):

é preciso ensinar os alunos a pensar, e é impossível aprender a pensar num regime autoritário. Pensar é procurar por si próprio, é criticar livremente e é demonstrar de forma autônoma. O pensamento supõe então o jogo livre das funções intelectuais e não o trabalho sob pressão e a repetição verbal.

Depois de perceber que elas sabiam o que quer dizer autonomia moral foi feito a próxima pergunta:

Na escola que você trabalha é estimulada a construção da autonomia moral?

Se sim, como ocorre?

As maiorias das professoras (6) concordaram que havia sim esse estímulo, e que ocorriam através de reuniões, do diálogo, motivações para com os professores e alunos e nas atividades diárias, mostrando aos professores que os alunos são importantes e que devem ser preparados para agirem sozinhos na sociedade. A resposta de duas professoras foram as seguintes:

“A diretora sempre pede para que no dia a dia se ensine os valores por meio dos fatos diários das diferenças”.

“A direção nos dá sempre abertura para que em nossas aulas possamos estimular os nossos alunos a terem atitudes corretas, para que eles aprendam sozinhos se comportar na sociedade.”

Realmente, se queremos formar alunos autônomos a escola deve estimular essa autonomia, nos PCN's (BRASIL, 1998) diz:

[...] se o objetivo é formar um indivíduo respeitoso das diferenças entre pessoas, não bastam belos discursos sobre esse valor: é necessário que ele possa experienciar, no seu cotidiano, esse respeito, ser ele mesmo respeitado no que tem de peculiar em relação aos outros. Se o objetivo é formar alguém que procure resolver conflitos pelo diálogo, deve-se proporcionar um ambiente

social em que tal possibilidade exista, onde possa, de fato, praticá-lo. Se o objetivo é formar um indivíduo que se solidarize com os outros, deverá poder experienciar o convívio organizado em função desse valor. Se o objetivo é formar um indivíduo democrático, é necessário proporcionar-lhe oportunidades de praticar a democracia, de falar o que pensa e de submeter suas idéias e propostas ao juízo de outros. Se o objetivo é que o respeito próprio seja conquistado pelo aluno, deve-se acolhê-lo num ambiente em que se sinta valorizado e respeitado. Em relação ao desenvolvimento da racionalidade, deve-se acolhê-lo num ambiente em que tal faculdade seja estimulada. A escola pode ser esse lugar (BRASIL, 1998, p. 59).

As palavras encontradas nos PCN's (BRASIL, 1998) são bem claras, a escola é o lugar que vai proporcionar ao aluno diversas experiências para que sua autonomia moral seja desenvolvida.

A formação de cidadãos autônomos, conscientes, informados e solidários requer uma escola onde possa-se recriar a cultura, não uma academia para aprendizagens mecânicas ou aquisições irrelevantes, mas uma escola viva e comprometida com a análise e a reconstrução das contingências sociais, onde os estudantes e os docentes aprendem os aspectos mais diversos da experiência humana. (GÓMEZ, 2001, p. 264).

Logo em seguida foi feita a seguinte pergunta:

Você acha que existe uma idade adequada para se ensinar os valores morais?

As respostas foram unânimes, todas acham que não existe uma idade adequada para que se aprenda, que desde que nascem estão em contato com as regras, que através do carinho, da afeição e dos ensinamentos as crianças estão aprendendo o certo do errado. A resposta de algumas professoras foi:

“Se a criança seguir todas as etapas da sua idade sem avançar nada a compreensão dos ensinamentos dos valores serão claras mesmo quando criança.”

“O ensino dos valores deve vim desde pequenos, e em cada idade deve-se ensinar de uma forma diferente”.

“A criança deve aprender desde pequena em casa e quando chegar aqui na escola nós ajudaremos a aperfeiçoar esses valores morais até que cheguem a ser autônomas.”

“As crianças além de aprenderem desde pequenas, elas devem ser lembradas desses valores diariamente para que coloquem sempre em prática, até atingir uma autonomia.”

As crianças tem contato com os valores desde o primeiro dia de vida, e desde então devem aprender diariamente para que esses valores fiquem claros e possam crescer e ser autônomos para saber agir na sociedade. Para Piaget (1994), não existe uma idade adequada para que se ensine os valores morais.

Desde o nascimento a criança é submetida a múltiplas regras disciplinares e mesmo antes de falar toma consciência de que possui certas “obrigações”. As regras sociais que a criança aprende não correspondem às suas necessidades e interesses (PIAGET 1994, p. 241).

Por esse motivo, Piaget acredita que seria artificial estudar o desenvolvimento moral a partir da observação de como a criança entende e obedece a tais regras. Admite que a evolução do ser humano ocorre, invariavelmente, por uma etapa genética denominada anomia e que dura do nascimento até os cinco ou seis anos de idade. Nessa fase, as crianças não seguem regras coletivas, interessa-se pela brincadeira, essencialmente por seus interesses motores ou seus sonhos simbólicos e não por estarem prontas para aceitar que todo jogo e, portanto, toda relação social se estrutura em regras. Ainda para a criança, do nascimento até os seis anos de idade, necessita de carinho, ternura, afeto, necessita também da compreensão do não, dos limites claros, da coerência na afetividade que a ela se entrega. A integração desses dois paradigmas de contato - a entrega, mas também a cobrança - implicam na passagem da fundamentação moral mais importante, verdadeiramente imprescindível, que é o da segurança (PIAGET, 1994).

Logo em seguida, o desejo era saber se elas ensinavam valores em sala, e foi feita a seguinte pergunta:

Você ensina valores morais aos seus alunos? Se sim, como é trabalhado?

Ao se tratar de crianças o ensino de valores precisa sempre ser diferenciados, atrativo, que os envolva. Todas elas disseram que trabalhavam esses

valores diariamente, ensinavam a cumprimentar quando chega, a respeitar o amigo, trabalhando os direitos e deveres nas aulas de história. Algumas respostas foram:

“Sim, levo-os a biblioteca e mostro livros com ensinamentos morais, ensino-os o respeito através das atitudes com os amigos e a aceitarem as diferenças”.

“Sim, primeiramente dando exemplo, mostrando a realidade e a escolher os caminhos certos e as consequências que podem vim a acontecer caso escolham ter atitudes erradas”.

“Sim, através de brincadeiras, do dialogo entre os alunos, de historinhas e do exemplo.”

Nos PCN's (BRASIL, 1998) podemos ver a seguinte afirmação:

Espera-se que o aluno seja capaz de assumir responsabilidades na execução de tarefas planejadas coletivamente, percebendo suas responsabilidades e limites em relação às diversas formas de contribuição possíveis e necessárias, solicitando o mesmo de seus companheiros de trabalho. Espera-se também que possa colocar seus pontos de vista e sugestões, argumentar em favor deles e acatar outros, tendo em vista o objetivo comum — ainda que com ajuda do professor (BRASIL, 1998, p. 78).

De acordo com os PCN's, (BRASIL, 1998) precisamos elaborar atividades que levem o aluno a refletir e trabalhar coletivamente. Uma boa ideia para trabalhar com os valores e construir uma criança autônoma é através dos jogos.

As atividades de jogos também representam excelentes oportunidades de experiência de respeito mútuo, a começar pelo estabelecimento das regras. Crianças pequenas tendem a pensar que as regras dos jogos são imutáveis, portanto, que não provêm de contratos entre os jogadores. Promover jogos nos quais os próprios alunos podem combinar as regras de comum acordo será também promover rica experiência moral. A trapaça será vista não tanto como entorse a uma regra geral vinda de não se sabe onde, mas principalmente como quebra de contrato e desrespeito aos outros (BRASIL, 1998, p. 82).

Algumas ideias para se trabalhar os valores morais são nas aulas de literatura, através da roda de conversa, por meio de brincadeiras, da música, dos vídeos, elaborando um manual de boa convivência e respeito, por meio dos conteúdos dando sempre bons exemplos, mostrando sempre o respeito mútuo, ensinando-os a respeitarem as regras, a ter um bom comportamento. Esses são

apenas alguns exemplos, mas de tudo em seu dia a dia pode-se tirar um ensinamento.

Em seguida fez-se a seguinte pergunta:

Como você acha que a escola pode direcionar os alunos na sociedade?

Para todas as entrevistadas, a escola tem um papel fundamental para a formação de um bom cidadão, devendo mostrar a realidade do mundo e o caminho correto a ser seguido. As respostas de três professoras foram:

“Ensinando que acima de tudo vem o respeito pelo outro, para que lá fora respeitem ao próximo”.

“Ensinando o que é certo, dando limites, ensinando não só os direitos, ma, também os deveres e mostrando como se comportar diante e determinadas situações.”

“Com certeza, a escola é a base de tudo e através da educação que vão atingir suas metas.”

Realmente o maior papel da escola é preparar o indivíduo para atuar na sociedade. Para Werri e Ruiz (2001):

Para a educação moral que considere a autonomia dos sujeitos como fim, é necessário que reconheça a moralidade como o resultado de um processo, onde o indivíduo constrói e reconstrói sua moralidade em suas relações sociais atuando ativamente. A educação deve se dar num ambiente solidário, onde ocorra o respeito mútuo entre todos os integrantes e quando necessário a aplicação de sanções, que estas sejam por reciprocidade, fazendo com que o infrator reflita sobre sua ação (WERRI; RUIZ, 2011, s.a)

Podemos ver também nos PCN's (BRASIL, 1998) quando diz:

A escola deve educar seus alunos para que possam tomar parte nessa construção, serem livres e autônomos para pensarem e julgarem [...] cabe à escola empenhar-se na formação moral de seus alunos. Por isso, apresenta-se uma proposta diametralmente (BRASIL, 1998, p. 50).

A escola é responsável pelo desenvolvimento do cidadão, no sentido total da palavra. Então, cabe a escola a responsabilidade do cidadão que deseja formar, de acordo com a sua visão de sociedade.

Segundo Delval (1998, p.48) “a escola deve ensinar, principalmente, um comportamento racional e autônomo, a discutir e avaliar as diferentes soluções, contribuindo dessa forma para uma melhor socialização”.

Logo após foi feita a seguinte pergunta:

A família é o primeiro grupo social em que as crianças têm contato, qual é a importância do papel da família para a escola?

Para todas as professoras, a família é indispensável e de fundamental importância, que quando os pais participam ativamente da vida do aluno na escola o aluno é mais dedicado, mais participativo e colaborador. Veremos o depoimento de quatro professoras, onde as respostas foram bem interessantes:

“Não tenho nem palavras, a escola e a família devem andar juntas, pois sem o apoio da família a educação não acontece.”

“O principal fator é a família, pois, a base dos valores morais vem de casa a escola vai apenas aprimorar e aperfeiçoar.”

“É primordial, nota-se a diferença de cada aluno pela participação dos pais, quando os pais ensinam os valores junto com a escola as crianças são de outro nível”.

“A participação e o acompanhamento do filho é fundamental, a criança necessita do acompanhamento dos pais, pois, a forma de aprender é diferente. A família precisa ensinar os valores morais em casa para que quando cheguem na escola possa aprimorar.”

Realmente a participação da família na escola é de fundamental importância, pois, a família é que acompanhará seu filho na vida fora da escola. Os pais não podem interferir na educação que o professor dá, mas, pode colaborar de diversas formas, como coloca Chraim (2009):

- Manter-se sempre informados do comportamento e desenvolvimento de ensino-aprendizagem do filho;
- Mostrando-se interessado pelas atividades que o aluno realiza na escola;

- Valorizar a escola, os conhecimentos e habilidades que proporciona aos alunos;
- Zelar por uma relação boa com os professores e funcionários da escola.

Este mesmo autor nos mostra que:

Se a aprendizagem começa na base familiar onde os pais formam caráter, os valores, o respeito pelas leis, a hierarquia; agora, é a vida escolar que vai complementar esse crescimento, ao informar, transmitir conhecimentos, reforçar o sentido de cidadania, dando reforços às responsabilidades sociais (CHRAIM 2009, p. 45).

O conhecimento da família e uma comunicação com a escola são essenciais para uma vida escolar de sucesso.

Foi dada continuidade nas perguntas, com o seguinte questionamento:

Porque precisamos formar crianças autônomas?

Para as professoras é preciso formar crianças autônomas para que elas saibam fazer certas escolhas na sociedade. A resposta de três professoras foi:

“Porque elas vão aprender a se portar e defender sabendo fazer as escolhas corretas na sociedade, transformando a criança em um indivíduo confiante e um futuro jovem maduro.”

“Precisamos formar crianças autônomas para que elas saibam se defender nesse mundo em que vivem.”

“Porque se não ensinarmos a seguir sozinhas elas não saberão se direcionar quando estiverem sozinhas.”

Uma criança autônoma, precisa da diminuição da dependência de um adulto e isso é importante para que ela tenha uma maior segurança em relação as próprias competências. O desenvolvimento da autonomia na infância possibilita a construção de uma personalidade saudável e permitirá o desenvolvimento da capacidade de resolver conflitos no decorrer da vida. “Esta noção de autonomia é empregada aqui sem uma conotação filosófica. Ela designa somente a possibilidade do sujeito de elaborar, ao menos em parte, suas próprias normas” (PIAGET, 1994, p. 534).

Segundo La Taille (1996), a escola pode ser um meio onde a criança seja cooperativa com os seus amigos e seja responsável por formar as próprias regras que serão cumpridas pelo grupo. “Em uma só palavra: dar espaço para que os alunos sejam legisladores das regras que regem seus próprios comportamentos”. (p. 159). É preciso se ter uma noção que a escola é o ambiente adequado para o desenvolvimento da autonomia moral do aluno, por isso, é preciso ter muito cuidado com o que se acredita ser moral, para se trabalhar o desenvolvimento da autonomia moral na Educação Infantil.

Somente a criança autônoma sabe fazer escolhas, medir os próprios desejos e sentimentos e esquematizar metas para alcançá-los. Unido com a autonomia, outros aspectos da personalidade aparecem, como a moralidade, e com ela os conceitos de certo e errado, pois a autonomia traz consigo responsabilidades.

E por fim foi feita a última pergunta:

Na educação Infantil as crianças estão sempre em contato com outras crianças compartilhando as suas experiências. Como isso as ajuda a construir seus valores?

Infelizmente para cinco das professoras, as experiências compartilhadas não são vistas como algo positivo, já que as crianças estão inseridas em um ambiente onde a realidade é coberta de violência. Então para a maioria delas essa troca de experiência não é nada boa. As respostas de duas professoras foram:

“O professor precisa saber diferenciar, porque nem toda troca de experiência é boa, elas podem ajudar ou prejudicar, já que nem todos são uma boa influência”.

“Quando a criança já tem uma autonomia a troca de experiência é boa, já que ela já sabe diferencia o certo do errado, mas quando a criança não tem uma autonomia, essa troca de experiência é horrível, pois, acabam fazendo e dizendo a mesma coisa que os amigos”.

É triste ouvir alguns relatos negativos sobre a troca de experiência, pois, sabemos que a educação das crianças vai muito além dos conhecimentos cognitivos, as crianças aprendem em grupo e dividem experiências. Toda criança

traz de casa experiências próprias ou vividas com pessoas próximas, elas trocam entre si essas experiências e também com seus educadores. Para Piaget (1930) *apud* Macedo (1996) , os trabalhos em grupo são uma atividade facilitadora para a construção da autonomia, ao trabalharem juntas, as crianças trocam experiências.

O desenvolvimento humano se constitui por meio das interações da criança com outras pessoas mais experientes, e é por meio das aprendizagens decorrentes que os indivíduos desenvolvem as funções psicológicas, com capacidade de abstrair, interpretar e criar (KOHL, 1995).

5 CONCLUSÃO

Foi possível perceber que a escola tem um complexo papel na construção dos valores morais na educação infantil. Para que uma criança construa os valores morais desejados pela sociedade, é necessário que um adulto mostre o correto, para que assim possa distinguir o certo e o errado e para que ela tenha consciência do sim e do não, a fim de saber qual caminho seguir. É por meio de atividades dinâmicas em grupo que esse tema deve começar a ser abordado e trabalhado com os alunos, onde a criança poderá formular sozinha a concepção do certo e errado. É nessa fase de obediência que o espírito de cooperação vai ser construído através do respeito mútuo, levando-o a obedecer às regras e apreciá-las. Estes métodos irão favorecer a assimilação racional das normas e valores, o autoconhecimento e o conhecimento do outro, e conseqüentemente, o desenvolvimento da autonomia.

Assim como afirma Rios (2003), a escola tem um grande poder nas mãos, o de formar o indivíduo para a vida, transformar a sociedade mais justa.

Assim podemos ver que a educação moral não deve vir atrelada com brigas e castigos, já que os valores morais devem estar atrelados a valores positivos, pois é nessa idade que os sentimentos morais negativos começam a aparecer. Por isso a educação moral deve acontecer em todos os ambientes sociais vividos pela criança, sempre vindo de valores positivos, uma vez que ela precisa de alguém que mostre sempre o correto da forma certa, pois a infância é o alicerce de nossa vida e o adulto é produto desse alicerce.

A formação da moral está totalmente atrelada à educação e pode acontecer de diversas formas, ajudando no desenvolvimento da criança, pois a

autonomia da criança a ajuda em sua aprendizagem e em sua formação cognitiva moral e social.

Com esse estudo pode-se concluir que a educação moral na educação infantil através de experiências compartilhadas é de grande importância para a formação moral de uma criança, pois, é quando ela começa a moldar o seu caráter de acordo com a sua personalidade e do meio em que está inserida, formando cidadãos prontos para diferenciar o certo do errado e fazer as escolhas na sociedade que atua. Infelizmente a pesquisa mostrou que de oito professoras, cinco delas acreditam que essas experiências compartilhadas são de péssima influência para as crianças. Na pesquisa foi comprovado que é preciso sim formar crianças autônomas, para que saibam se defender e fazer escolhas certas fora do ambiente escolar, pois as crianças de hoje são o futuro do amanhã. A pesquisa mostrou também que a parceria da escola com a família é de fundamental importância para a formação do caráter de uma criança e do seu desenvolvimento.

Com a entrevista feita, foi verificado que a educação ocorre em vários ambientes sociais, onde sua autonomia moral será formada de acordo com as normas da sociedade, e só fez confirmar a importância que se tem de ensinar os valores morais da Educação Infantil, comprovando que a autonomia começa a se formar quando ainda estão pequenos, e que se deve tomar o maior cuidado com o que se ensina e como ensina, pois, um ensinamento repercute pelo resto de uma vida.

Este artigo mostrou-se importante no estudo da autonomia moral na Educação Infantil, sendo uma boa fonte de dados para pesquisas posteriores neste assunto.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, U. **Um estudo da relação entre o ambiente cooperativo e o julgamento moral na criança.** 1993. 208 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1993.

ARAÚJO, Ulisses F.; PUIG, Josep. M.; ARANTES, Valéria A. (Org.) **Educação e Valores: pontos e contrapontos.** São Paulo: Summus, 2007.

BRANCO, M. **A construção da autonomia moral**: a contribuição da teoria do desenvolvimento do ego de Jane Loevinger. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0103-863X2003000200002&lang=pt>>. Acesso em: 10/02/2014.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Temas transversais. Brasília: MEC, SEF, 1998.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1(3), jan./jul., 2005, p. 68-80. Disponível em: <www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/aprendendo_a_entrevistar_como_fazer_entrevistas_em_ciencias_sociais_pdf>. Acesso em: 03/09/2014.

BUXARRAIS, M. R. **La formación del profesorado em educación en valores**: Propuesta y Materiais. Bilbao, España: Desclée de Brouwer, 1997.

CHRAIM, A. M. **Família e escola**: a arte de aprender e ensinar. Rio de Janeiro: Walk editora, 2009.

DEVRIES, R.; ZAN, B. **A ética na educação infantil**: o ambiente sócio-moral na escola. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. (Original publicado em 1994).

DELVAL, J. **Crescer e pensar: a construção do conhecimento na escola**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

DIAS, A.; VASCONCELLOS, V. **Concepção de autonomia dos educadores infantis**. Temas em Psicologia da SBP, São Paulo, v., n. 6, p 9-21, 1999.

DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Moral** – Ed. Histórica 100 anos- 5º Ed. 2010 – Holanda, Aurelio Buarque.

DICIONÁRIO INFORMAL. **Autonomia**. 2009. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/autonomia/>>. Acesso em: 31/07/2014.

FIOROT, M. A. **Como aprendem os que ensinam e como ensinam os que aprendem**: um estudo com professoras no contexto do jogo traverse. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.

GARCÍA, M.; PUIG, J. M. **As sete competências para educar em valores**. São Paulo: Summus, 2010.

GÓMEZ, A. I. P. **A Cultura escolar na sociedade neoliberal**. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2001.

INFOPÉDIA. **Autonomia**. Porto: Porto Editora. 2003-2010a. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$autonomia](http://www.infopedia.pt/$autonomia)>. Acesso em: 31/07/2014.

INFOPÉDIA. **Valores**. Porto: Porto Editora. 2003-2010b. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$valores](http://www.infopedia.pt/$valores)>. Acesso em: 31/07/2014.

KAMMI, C. **A criança e o número**: implicações educacionais da teoria de Piaget para a atuação junto a escolares de 4 a 6 anos. (Trad. Regina A. de Assis). Campinas: Papyrus, 1991. (Original publicado em 1982).

KOHLBERG, L. **Essays on moral development**: The philosophy of moral development. v.1. São Francisco: Harper& Row, 1981.

KOHLBERG, L. **Psicología del desarrollo moral**. Bilbao, Spain: Desclée de Brouwer, 1992. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413294X2010000100004> . Acesso em: 12 de Agosto de 2014.

KRAMER, S. **Com a pré-escola nas mãos**: uma alternativa escolar para a educação infantil. São Paulo: África, 2000.

KOHL, M. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. São Paulo: Editora Scipione, 1995.

LA TAILLE, Y. de. (Org). **Crise de valores ou valores em crise?** Porto Alegre: ARTMED, 2009.

LA TAILLE, Y. de. O despertador do senso moral. **Pátio Educação Infantil**. n. 7, p 6-9, 2005.

LA TAILLE, Y. de. **Moral e Ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LA TAILLE, Y. de. A educação moral: Kant e Piaget. In: MACEDO, L. **Cinco estudos de educação moral. Coleção Psicologia e Educação**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996, p. 137-178.

LIMA, A. **Construção dos valores morais pela escola**. 2009. (no prelo)

LORDELO, E. Agora vá com a tia que a mãe vem mais tarde: creche como contexto brasileiro de desenvolvimento. In: KOLLER, S. H. (Org). **Infância Brasileira e Contextos de desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p 77-97.

MACEDO, L. **Cinco estudos de educação moral. Coleção Psicologia e Educação**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

MACEDO, L. **Ensaio pedagógico**: como construir uma escola para todos? Porto Alegre: Artmed, 2005.

MARTIN, M. M. **El contrato moral del professorado**: condiciones para una nueva escuela. Bilbao: Desclée De Brouwer, 1998.

PEREIRA, R. **O papel da educação infantil na construção da autonomia moral:** uma revisão da literatura. p.12. Dissertação (Monografia em Psicologia Clínica) – Faculdade de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em:
<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/12327/000594244.pdf?sequence=1>> Acesso em: 25 de Maio de 2014.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança.** São Paulo: Summus, 1994. (Original publicado em 1932).

MACEDO, L. **Cinco estudos de educação moral.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. (Original publicado em 1930)

PIAGET, J. **Psicologia e Pedagogia.** Rio de Janeiro: Forense, 1970. (Original publicado em 1969).

PIAGET, J. A relação entre inteligência e o desenvolvimento da criança. Paris: CDU 1954.

PIAGET, J. **Sobre a pedagogia.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

PUIG, J. M. **A construção da personalidade moral.** São Paulo: Ática, 1998.

RIOS, T. A. **Ética e competência.** São Paulo: Cortez, 2003.

STENGEL, R. S. Moral Education for Young and Children. **The Journal Of The Association For The Education Of Young Children**, September, 1982.

THEOBALDO, M. Educação e Autonomia Moral. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v.4, n. 5, p. 249-263, jan./jun.,1995.

WERRI A. P.; RUIZ, A. R. **Autonomia como objetivo na escola**. 2001. Maringá, PR. Bimensal. Disponível em: < <http://www.urutagua.uem.br//02autonomia.htm> > Acesso em: 11/09/2014.

VINHA, T. P. **O Educador e a Moralidade Infantil**: uma Visão Construtivista. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.